



**EDUCAÇÃO LIBERTADORA: REFLEXÕES SOBRE O LEGADO DE JOÃO
BATISTA LIBANIO**

LIBERATING EDUCATION: REFLECTIONS ON THE LEGACY OF JOÃO BATISTA
LIBANIO

Dom Vicente de Paula Ferreira^a
ORCID: 0000-0001-8320-3425

^a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) – Belo Horizonte, MG, Brasil

*Autor de correspondência: Vicente de Paula Ferreira – E-mail: vicenteferreirabh1@gmail.com

RESUMO:

O presente artigo aborda aspectos do legado educativo do Pe. João Batista Libanio, mostrando algumas características de suas vivências pedagógicas, com destaque para sua trajetória como professor de teologia. Diante da crise civilizatória atual, visível nas feridas dos pobres e da terra, essa reflexão compreende a educação enquanto elemento transversal para uma formação humana integral. A partir dos gritos proféticos do Papa Francisco em favor da fraternidade universal e da ecologia integral, e em diálogo com a pedagogia do oprimido de Paulo Freire, o artigo apresenta algumas contribuições do renomado teólogo para o fortalecimento de uma pedagogia da libertação. De maneira que é possível ver, em Libanio, ao mostrar seu jeito de despertar nos alunos o gosto pelo conhecimento, uma figura inspiradora, a partir dos princípios cristãos, no que toca a necessidade de manter a coerência entre teoria e práxis, como fruto de uma lúcida honestidade intelectual. E, assim, é possível notar como seus ensinamentos encorajam educadores e alunos a percorrerem caminhos de defesa dos mais pobres e do planeta diante de cenários que lhes são cada vez mais hostis.

Palavras-chave: educação; libertação; Libanio.

ABSTRACT:

This article addresses aspects of Father João Batista Libanio educational legacy, showing some characteristics of his pedagogical experiences, with emphasis on his career as a theology teacher. Faced with the current civilizational crisis, visible in the wounds of the poor and the land, this reflection understands education as a transversal element for integral human formation. Based on Pope Francis' prophetic cries in favor of universal fraternity and integral ecology, and in dialogue with Paulo Freire's pedagogy of the oppressed, it presents some of the renowned theologian's contributions to strengthening a pedagogy of liberation. With his own methodology of awakening in students a taste for knowledge, Libanio shows, based on christian principles, the need to maintain coherence between theory and praxis, as a result of lucid intellectual honesty. Thus, his teachings encourage educators and students to follow paths of defense for the poorest and the planet in the face of scenarios that are increasingly hostile to them.

Keywords: education; liberation; Libanio.



Questões iniciais

Atravessamos uma crise global com dimensões complexas. Ela é socioambiental, como afirma o Papa Francisco: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental” (LS, 139). Suas raízes humanas são claras e estão relacionadas com o sistema capitalista que dominou o planeta em função do “deus dinheiro”, gerando graves feridas humanas e ecológicas. Por isso, há urgência em forjar outro estilo de sobrevivência. Para que a nova cultura da solidariedade se dê por meio da defesa da democracia e da biodiversidade, necessitamos de uma educação de caráter holístico, intérprete da conexão entre ser humano, natureza e Deus. O declínio de nossa civilização, ao mesmo tempo que está repleto de sombras, contém oportunidades para recolher os fatores positivos de nossa herança ocidental, desde que as vítimas sistêmicas sejam protagonistas da nova civilização. Então, perguntamo-nos: quais seriam as possíveis vias para realizar esta travessia na arte de pensar a vida?

Poderíamos elencar vários caminhos que surgem a partir dos movimentos de resistência. No entanto, inicio esta reflexão reportando-me às perspectivas do Papa Francisco em seus documentos, palavras e gestos, que revelam a urgência de uma ecologia integral, de uma igreja em saída e da fraternidade universal. Dentre os caminhos apontados como mediação para tais empreendimentos, a palavra *educação* aparece como central. No Pacto Educativo Global, Francisco nos apresenta sete prioridades: colocar a pessoa no centro, ouvir as novas gerações, promover a mulher, responsabilizar a família, abrir-se à acolhida, renovar a economia e a política, e cuidar da casa comum. Essa preocupação com a educação nasce da constatação da paradoxal condição contemporânea. Se, por um lado, os avanços técnicos e científicos são indiscutíveis, por outro lado, os custos de um progresso baseado no benefício e acúmulo de riquezas por parte de poucos têm aberto profundas feridas nos pobres e no planeta.

Assim sendo, mais do que nunca, é grave o grito que emerge das criaturas descartadas nesta terra, aflorando a desleal posição dos dominadores diante dos oprimidos. Para que haja uma nova cultura capaz de sustentar a paz entre os povos e a biodiversidade do planeta Terra, um dos elementos importantes é repensar a tradição educativa herdada no ocidente. Não obstante os mecanismos maravilhosos de transmissão de conhecimento, proporcionados a partir dos avanços técnicos e científicos, no auge da pós-modernidade, o ser humano se vê, drasticamente, questionado sobre sua vocação no conjunto da criação. O que está posto em xeque tem muito a ver com a possibilidade de as atuais sociedades transformarem o mundo, cuidando da vida ou deixarem-se sucumbir aos jugos alienadores de quem oprime. Portanto,



nosso olhar se volta para uma educação libertadora, que seja capaz de problematizar as forças opressoras, propondo processos de emancipação dos sujeitos oprimidos.

Eis que se impõem caras e essenciais perguntas: haverá um novo humanismo capaz de promover algum estilo de vida alternativo ao neoliberalismo? Neste século XXI, teremos a capacidade de optar pela preservação e aperfeiçoamento da biodiversidade ou seremos sucumbidos por nossas pulsões necrófilas? Em que sentido a fé cristã ajudará a resgatar o endereço sagrado de nossa espécie humana no conjunto da criação como continuadora da obra divina e não como sua demolidora? Qual tipo de educação e, por consequência, de educador despertará as consciências para a “vida em abundância” de Jesus com propostas eclesiais/sociais libertadoras e não como manutenção dos discursos dominantes? Essas questões cruciais nos motivam a considerar o Pe. Libanio como exemplo de um educador da libertação, cujo legado tem muito a contribuir com nossas pautas educacionais.

Contexto de crise das verdades absolutas

Creio que a passagem da modernidade para a pós-modernidade é o endereço no qual se situa o legado de Libanio enquanto educador. A pretensão da verdade pura e absoluta regeu boa parte do pensamento ocidental. A metafísica conheceu, sobretudo em Hegel, o auge de um espírito humano que se julgou capaz de ordenar a realidade em sua globalidade. Desde o cogito cartesiano, a história do pensamento foi dominada por esse forte afã de nomear a verdade. Ao encontrá-la, restava ao ser humano engajar a vida numa espécie de correspondência. As ideias claras e distintas da filosofia, partindo do antropocentrismo, exigiram da teologia e de outras disciplinas esforços científicos para comprovar seus estatutos. Tempo forte para o aprofundamento da dogmática, da exegese, da moral cristã etc. Infelizmente, esses processos contribuíram para o descarte do que era considerado conhecimento marginal, inferior, mitológico, não compatível com a razão iluminista.

Entendo, assim, a modernidade como época da paradoxal razão forte ocidental. Se, por um lado, tal paradigma logrou avanços técnicos e científicos; por outro, foi excludente das sabedorias encontradas no sul global, como na América Latina e África. Priorizou-se a crença na capacidade intelectual de nomear a realidade com conceitos universais. Este período se configurou como o tempo de um racionalismo ousado que culminou em um modelo de ciência com suas variadas descobertas e na técnica com invenções extraordinárias. Os avanços cibernéticos, as sofisticadas aventuras da inteligência artificial, a conquista do espaço, são alguns exemplos das glórias modernas. Tudo isso culminou no que, hoje, chamamos de



globalização. Mas o que, verdadeiramente, globalizou-se? O empenho na construção de uma civilização da justiça e da paz ou a facilitação de os ricos dominarem o planeta? É no corpo das vítimas que encontramos uma resposta, como afirma Henrique Dussel (2018, p. 315) “a alteridade das vítimas descobre como ilegítimo e perverso o sistema material dos valores, a cultura responsável pela dor injustamente sofrida pelos oprimidos”. Como superar essa realidade, a partir de uma práxis educativa?

A pretensão colonialista vem sofrendo profundos abalos, sobretudo a partir da própria Europa, com os mestres da suspeita: Nietzsche, Freud e Marx lançaram-nos questões desconcertantes, que ainda são pertinentes. Para o primeiro, o ideal de “além homem” está na capacidade de superar o historicismo, saindo da repetição do “já dito”, reencontrando outra vez formas de nomear a realidade e fazer história. O segundo mostra que a parte racional e consciente do ser humano é menor diante das pulsões inconscientes: sonhos e chistes revelam um aparelho psíquico aberto e sempre desejoso. Por sua vez, o terceiro revolucionou o mundo, mostrando que a sociedade funciona a partir de lutas de classes; que as estruturas sociais não são fatos dados, mas constituídos pela disputa dos poderes econômicos.

E hoje? O que mais me interessa para o contexto deste artigo é que o próprio continente latino-americano vem erguendo suas vozes decoloniais tanto no âmbito social quanto no interior da própria rede de nossas comunidades eclesiais. Ainda que posturas extremistas, com traços fascistas e de cristandade, insistam em barrar o crescimento de uma sociedade democrática, de uma igreja sinodal, é difícil pensar um futuro da humanidade – e da Igreja – que não passe pela experiência da fraternidade, da amizade e da defesa do planeta enquanto organismo vivo. Muitas vozes ecoam os gritos do que antes era considerado marginal, nos saberes e nos costumes. Desse modo, nosso tempo pode ser considerado como época da vulnerabilidade corpórea em busca de outras positivities. A Teologia da Libertação, as redes de comunidades eclesiais de base e os movimentos sociais expressam esse combate de uma sociedade e cristandade organizadas a partir da verdade dos que dominam. A defesa do planeta entra na contramão da monocultura capitalista, almejando salvar a polissemia das espécies. Em breves páginas, tentarei mostrar como Libanio contribui para o aprofundamento desse pensar criticamente a realidade a partir de uma educação libertadora.

O educador Libanio

O que tem a ver essas indagações iniciais com um texto que pretende fazer memória do jesuíta João Batista Libanio? Ousarei não somente partilhar alguns elementos que marcaram a



figura de um brilhante professor, palestrante, orador, comunicador, mas extrair de minhas lembranças e de fragmentos de suas obras as contribuições fundamentais para a educação – enquanto compreensão libertadora do mundo – para os dias de hoje. Não se trata de uma tarefa fácil. A própria realidade da educação mostra-se complexa, de modo particular nessa virada de época. Talvez, em outros tempos, seria possível vislumbrar caminhos mais fáceis para ensinar valores fixos e bem definidos. As instituições, herdeiras de uma tradição judaico-cristã-europeia, tinham claras a metodologia para a transmissão tanto de conhecimento como, no caso das religiões, de suas doutrinas.

Então, é no declínio da modernidade que situo meu breve discurso sobre o Padre Libanio. A partir dele mostrarei como esse jesuíta contribuiu para um estilo libertador “de ser”, como pedagogo da vida e da fé cristã na pós-modernidade. Sobre este “Pós”, como tratei em *Cristianismo não Religioso no Pensamento de Gianni Vattimo* (Ferreira, 2015), compreendo que o fim da modernidade se dá com o enfraquecimento da metafísica, no alvorecer da tomada de consciência de uma espécie de pensamento enfraquecido; uma época de mudança de época não apenas no que concerne ao conceito de verdade, mas também no que tange à vida concreta dos indivíduos e grupos. O fato é que cresceu a luta do que antes era considerado fragmento e que, agora, na contemporaneidade, exige reconhecimento como realidade autônoma. Libanio foi um pensador que conheceu e dialogou com essa complexidade contemporânea. Tanto do ponto de vista humano-subjetivo quanto do social e eclesial, ele sempre amparou seu discurso em questões fundamentais elencadas por essa travessia epocal.

Em muitos de seus trabalhos, apresentou nosso tempo como época da subjetividade com suas demandas afetivas, em detrimento das metanarrativas, amparadas pelas fortes instituições. Libanio também foi consciente da expansão das plataformas de comunicação, propulsoras da abertura de realidades poliédricas. Reconheceu que isso abalou privilégios da cristandade, forjando espaços de diálogo inter-religioso. Mostrou que, se o antropocentrismo foi a época da emancipação do ser humano diante do teocentrismo, hoje também essa centralidade humana diante da criação se encontra questionada, como abordam pensadores e ativistas que reclamam uma atenção especial à superação desse egoísmo narcísico.

A partir dessas questões e motivações, abordarei a pessoa de João Batista Libanio como educador da libertação, precursor do que hoje chamamos de novo humanismo, e um pensador da fé cristã em diálogo com a pós-modernidade. Não foi um mero transmissor de conhecimentos. Para mostrar essas contribuições, tomo como pano de fundo alguns pilares da pedagogia do oprimido, de Paulo Freire (2021). Para superar a polarização entre a opressão do



um por cento de ricos que dominam o planeta sobre as grandes massas de pobres, é necessário reforçar os processos de uma pedagogia libertadora. E ela somente virá da conscientização e organização dos oprimidos.

Pe. Libanio foi um educador da libertação, que ajudou gerações de estudantes a problematizarem a si mesmos, a sociedade e a fé. Fugiu de uma educação bancária, tendo como instigante método envolver seus interlocutores diante das questões mais agudas da existência e do cristianismo. As avaliações do curso de Teologia Fundamental eram chamadas por ele de “reações”. Não bastava repetir conteúdo, pois gostava de saber o parecer do estudante. Depois das aulas, era cercado nos corredores da faculdade para algum tipo de comentário. De fato, não tinha a postura do professor opressor. Fazia o caminho de diálogo com as pessoas e grupos.

Para dar conta do que nomeio como educador da libertação e mistagogo da fé cristã, distribuo esta breve contribuição em três partes. De início, achei por bem tratar minhas reminiscências do que vivi na relação com ele enquanto professor e diretor espiritual, pois fui seu aluno na graduação nos cursos de Introdução à Teologia e Teologia Fundamental, e, durante os quatro anos do bacharelado, ele acompanhou-me como orientador espiritual. Na segunda parte, tratarei um pouco sobre a formação para uma consciência crítica diante de si, do outro, da realidade e de Deus. Seu pensamento era poliédrico. Não dialogando somente no interior eclesial, mas com a sociedade em geral. Nesse tópico, farei conexão com Paulo Freire. No terceiro ponto, considerá-lo-ei como exímio mistagogo da fé cristã, auxiliando gerações inteiras no seguimento de Jesus Cristo. Darei destaque para sua coerência entre ortodoxia e ortopraxia, inspirado pela Teologia da Libertação. Era um homem de brilhante conhecimento de autores fundamentais, a partir dos quais gerou seu próprio pensamento engajado no compromisso com os pobres e com a transformação da realidade. Olhando suas produções, já passados alguns anos de sua morte, surpreendo-me com sua atualidade. Confesso que escrever este artigo foi um aprendizado importante para minha vida, fé e ministério episcopal.

Professor e orientador espiritual

Libanio tinha características peculiares, que marcaram seu magistério. Foi enorme sua contribuição para que os alunos buscassem um diálogo profundo da fé cristã com a contemporaneidade. Ainda me recordo bem de sua primeira orientação no curso de Revelação Cristã sobre a necessidade de superar uma visão “extrinsecista” do cristianismo. O fato cristão não é simplesmente uma intervenção divina desde fora em nossa história humana. Ao longo do tempo, fui compreendendo o que ele queria dizer sobre a necessidade de uma visão holística do



mundo e da fé. Em sala de aula, era um instigador para o mergulho em pesquisas sérias; nos corredores, estava sempre cercado por muita gente; na vida, era um companheiro de viagem, amigo dos pobres. Foi educador no sentido mais preciso do termo. Aquele que leva o aprendiz a extrair de dentro para fora. Apontava sempre para o Mistério e não para si mesmo, colocando-se também no percurso, não confundia-se com alguém que faz o papel inverso, sedutor para si mesmo. Instigava para uma busca sincera do Mistério Sagrado que habita o mais íntimo de cada coração humano e toda Criação.

Em 1993, cheguei a Belo Horizonte para cursar Teologia no antigo Instituto Santo Inácio (ISI), hoje Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). João Batista Libanio foi um de meus primeiros professores, no curso de Teologia Fundamental. Logo que o conheci, convidei-o para ser meu orientador espiritual, o que aconteceu durante meus quatro anos de estudos de Teologia. Esse contato pessoal encerrou-se em 1996, mais precisamente no mês de novembro, quando ele orientou meu retiro de preparação para a ordenação presbiteral. Escolheu a 1ª Carta de São João como material fundamental para minhas meditações: “Nisto conhecemos o amor: ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar a nossa vida pelos irmãos” (1Jo 3, 16). Creio que essa raiz primeva dos estudos teológicos foi a que mais marcou meu estilo missionário até os tempos atuais. Como bispo, escolhi o lema: “a caridade jamais acabará” (1 Cor 13, 8).

Pelo fato de Libanio ter sido meu professor e orientador espiritual, escrevo sobre as duas coisas, sem distingui-las, por acreditar que ele as reunia em sua personalidade. Ao mesmo tempo que transmitia seu largo acúmulo de conhecimento, também se colocava no caminho como aprendiz da história de cada um de nós. Dava a chance de entrarmos em contato com fontes complexas de tantos pensadores. Mas não descartava nosso parecer diante dos dramas atuais da vida de cada um e da sociedade. Para mim, foi um grande presente tê-lo como orientador espiritual, pois ali pude confrontar muitas questões pessoais, sem me perder na aridez dos argumentos puramente dogmáticos.

Era um ótimo comunicador. Instigava, com um certo tom de ironia e um humor fino. Nada que carregasse algo de deboche, pois dosava as coisas com ternura. Tinha uma estilística que despertava na gente o gosto pela pesquisa. Uma equilibrada mistura de inteligência brilhante com coração dócil. Preocupava-se com a educação de verdade, que provocasse nos alunos o desejo de ser aprendizes. Sempre repetia: “*só o buscamos porque Ele já nos alcançou no amor*”. Uma referência a “quanto a nós, amemos, porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4, 19). Ainda me lembro das várias obras da *Sources Chrétiennes* que li por incentivo dele. Por



quê? Para que os estudos teológicos não ficassem presos em uma linguagem por demais racionalista. Era necessário o contato com os santos padres, suas imagens e poesias. Sempre comentava sobre alguma obra da literatura universal, dos grandes clássicos, tinha-os como interlocutores. Por ideia dele, li autores como Dostoievsky, Fernando Pessoa e Adélia Prado. O que sua mente tinha de brilhante, seu coração possuía de bondade.

Resumidamente, considero alguns elementos como os mais importantes sobre sua influência em minha formação intelectual e cristã. Primeiro, cito o aprendizado de saber problematizar a realidade. Nos estudos de filosofia, ainda muito adolescente, cresci no contato com os grandes filósofos. Mas foi na Teologia que forjei um pensamento mais sistemático e crítico. Nas avaliações de seu curso, que ele chamava de reações, sempre me dizia: “*ao escolher um tema, procure mostrar os aspectos positivos, contrapondo com os negativos e aponte uma breve síntese*”. Para isso, era preciso ter sempre claro a que pergunta o trabalho respondia. Ou seja, esse pensar dialético ajudou-me a sair de uma estrutura neurótica de pensamento fechado. Avancei no que já havia intuído nos estudos filosóficos. Aprendi a pensar o que é próprio do pensar. Ter um pensamento aberto é pensar a si mesmo, nas relações com o outro, com o mundo, com Deus. É questionar a vida, comprometendo-se com caminhos de transformação, e não ser mero repetidor de ideias.

O segundo elemento é o que ele chamava de honestidade intelectual. Deixava claro que, para crescer no dom da palavra, era preciso ler e escrever. Em um de seus cursos sobre o “ser intelectual” (Libâneo, 2006), mostrou-me que o pensar é a arte de inventar, de descobrir a partir de heranças. Numa sociedade das repetições, de tantos dizeres, é necessário ter a ética da honestidade epistemológica, que é o esforço grande para ler um texto sem pesar nos preconceitos. Ter abertura diante do pensamento alheio e tentar entrar na lógica do pensar do outro. Libanio ajudou-me a solidificar o que havia adquirido nos ensinamentos anteriores: “ser aprendiz dos livros e da vida”. Amar a leitura dos clássicos sem me esquecer das sabedorias impressas nas pequenas coisas. Foi nessa época que superei algo da relação oprimido *versus* opressor. Descobri-me como pesquisador, o que foi fundamental para os passos vindouros.

Um terceiro ponto foi o encontro com a Teologia da Libertação. Fazer teologia a partir de uma análise crítica da realidade. Testemunho, em minha própria experiência, o porquê de eu ter escolhido a palavra “libertador” como marca de meu magistério. Orgulhava-se de mostrar a grande fileira de livros e artigos que havia escrito. Sua narrativa era sempre a partir dos oprimidos. Atento às questões do Concílio Vaticano II, fez do Brasil e de nosso continente, seu lugar teológico por excelência. *Eu creio, nós cremos* é uma de suas obras mais importantes.



Pensar a fé a partir da realidade nos livra do que ele constatava sobre a América Latina: continente de muita religião e pouca libertação. Por isso, unia seu magistério com o contato com as comunidades simples. Na Arquidiocese de Belo Horizonte, ele atendia em Vespasiano e tinha as pessoas humildes como seu lugar de interlocução para um “quefazer” acadêmico. Nessa ocasião, também eu morava e fazia pastoral numa periferia de Belo Horizonte, no Bairro Jardim Leblon. Ele sempre me perguntava sobre os encontros, as experiências com os mais humildes. Foi nessa época que descobri o mundo dos pobres como meu lugar de conversão contínua.

Antes de passar para o próximo ponto, recordo o que Leonardo Boff (2014, p. 324) disse de Libanio:

Homem de profunda erudição clássica e moderna. Suas palestras eram brilhantes, entrecortadas por citações ditas de memória, dos melhores autores antigos e modernos. Mas nunca com a arrogância de quem pretende saber mais que os outros. As coisas fluíam com graça e leveza. Ouvir uma palestra sua era uma celebração, pois, além dos conteúdos sérios e preparados, sabia entreter a plateia com pequenos comentários cheios de espírito. Imitava a gravidade dos teólogos sérios e a hilaridade dos jovens. Enfim, era um artista da palavra.

Pedagogo da libertação

Recolho alguns fundamentos da *Pedagogia do oprimido*, de Paulo Freire (2021), para tratar deste tópico. Faço-o por pensar que Libanio foi um educador que soube se transformar na proximidade com os mais simples, a começar por nós, seus estudantes. Digo isso por sua amabilidade existencial e, sobretudo, pela honestidade que tinha de querer a gente como protagonista do aprendizado. Ele incitava os grupos a irem além da compreensão de conteúdos, exercendo a capacidade de se dizerem como hermenutas da história e da fé. Suas aulas eram dinâmicas e envolventes. Ele sabia tratar temas sérios com humor apurado. Ao longo das exposições, abria espaço para perguntas e reações. Demonstrava-se também aprendiz com as demandas do outro. Se no comum da sociedade a pedagogia dominante é sempre a das classes dominantes, para Libanio, educar era conscientizar o oprimido de sua situação, denunciando o opressor. Na palavra escrita e falada, convidava seus alunos a tomarem posse de sua condição mais peculiar: a de serem artífices da história, sobretudo no diálogo com o Deus-Trino, revelado na História da Salvação.

Segundo Paulo Freire (2021), a alfabetização não é o aprendizado de repetir conhecimentos apenas, mas de assumir a missão de sujeitos da própria história, enfrentando a luta dialética pela compreensão dos elementos de opressão presentes nos contextos sociais. Ou



seja, “a desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção do ser mais” (Freire, 2021, p. 40). Nesse sentido, a partir da convivência com Libanio e de sua literatura, vejo-o como intelectual preocupado com a emancipação dos oprimidos, alguém que, para isso, empenhou-se, com esmero, na formação da consciência crítica. Era um professor com quem um encontro abria vias de crescimento, na possibilidade de um inesgotável “ser mais”.

Em sua metodologia, apoiava-se na concepção dialética da realidade. Como bom jesuíta, sempre incentivava a colher os pontos positivos e negativos de cada situação analisada, para chegar a algum discernimento ou síntese. Esse confronto entre tese, antítese e síntese, longe de chegar a um ponto final, deveria provocar caminhos abertos de aprendizado. O mais valioso desse processo encontra-se na visão do ser humano enquanto projetivo, jamais acabado. É na consciência de si para si que toda pessoa toma contato com sua historicidade, enquanto ser que se faz na existência concreta. Portanto, o carisma libertador de Libanio tinha como objetivo central formar a consciência humana na perspectiva de um senso crítico capaz de discernir os obstáculos impostos pela lógica da opressão ao crescimento do Reino de Deus.

De acordo com Paulo Freire (2021, p. 80), o modelo de “educação bancária” pauta-se na relação entre um agente que sabe e um aluno que não sabe, entre quem transmite o conhecimento e o receptor que o recebe como receptáculo extático: “Eis aí a concepção bancária da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los”. Nesse caso, não há criatividade, não há busca nem transformação. O educador é o que possui conhecimento e valores e os transmite a seus espectadores, e estes são simples depósitos, impossibilitados de formação para uma consciência crítica da realidade. É muito claro que tal processo atua em favor da cultura do opressor e não na emancipação do sujeito oprimido.

Por sua vez, o educador humanista favorece o processo libertador ao se colocar ao lado dos educandos enquanto sujeitos de saberes: “Isso tudo exige dele que seja um companheiro dos educandos, em suas relações com estes” (Freire, 2021, p. 86). Se, por um lado, a educação bancária é necrófila ao conceber a consciência humana apenas como receptáculo daquilo que já foi dito sobre o mundo, dito por quem domina, sem conseguir alcançar o que é mais específico da vocação humana, ou seja, sua capacidade de interpretar o mundo, transformando-o sempre outra vez; por outro lado, “a libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não se trata de uma palavra a mais, oca, mitificante. É práxis,



que implica a ação e a reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (Freire, 2021, p. 93).

Então, segundo Freire (2021), na práxis da educação libertadora, a relação entre educador e educando é sempre problematizada a partir da realidade enquanto mediadora do diálogo. Tal realidade pode se concretizar como uma biblioteca, uma experiência, um objeto qualquer. No caso de Libanio, o fato cristão era o elemento posto diante do educador e dos educandos. A dinamicidade de suas aulas ou palestras envolvia-nos como uma obra de arte. Sua maestria tinha esse segredo poético porque também ele estava envolto pelo Mistério partilhado. Assim acontecia o diálogo, não somente entre professor e aluno, mas de ambos com o amor divino, revelado e realizado na pessoa de Jesus Cristo. Mais que um objeto mediador, suas aulas nos apresentavam uma pessoa viva e a grande proposta do Reinado de Deus. Essa ligação entre aprendizado e mística acontecia de forma bem espontânea. Ao nos interessarmos pela disciplina Teologia Fundamental ou outra, o coração ficava ansioso pela experiência da fé.

Um aprendizado teológico cristão é incompleto sem a práxis. Muitas foram as vezes que dele escutei: “*A ortodoxia exige ortopraxia*”. Seu modo de ser educador para a vida e para a fé cristã revelava a educação como práxis da liberdade, isto é, do pronunciamento sempre atualizado do que se crê. Como afirma Paulo Freire (2021, p. 108), “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”. Essa aventura nunca pode ocorrer de forma solitária. O diálogo é o meio solidário para a interpretação do mundo pela palavra e pela ação. Isso nada tem a ver com a conquista de uns pelos outros, mas sim com a conquista do mundo por meio do diálogo. Ao reler as reflexões geniais de Paulo Freire, entendo que Libanio encarnou em sua vida a metodologia de um educador “de fato”, verdadeiramente preocupado com uma fé libertadora. A partir do amor profundo pelo Deus Amor, revelado por Jesus Cristo, Libanio envolvia seus alunos na relação com esse mistério.

A pedagogia do oprimido também nos ensina que todo caminho de diálogo exige humildade e fé na força transformadora de cada pessoa, tendo como horizonte último a esperança. O desespero é arma perigosa das relações de domínio, anula a autonomia dialógica dos homens na transformação do mundo. Por isso, o conteúdo programático do ensino não é uma escolha aleatória. Ou se repetirá a ordem, ou se abrirá processos de libertação. “Quem atua sobre os homens para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada são os dominadores” (Freire, 2021, p. 117). Ao revolucionário cabe libertar-se com o povo, no contínuo tomar posse da consciência que tem de si, isto é, de saber-



se histórico e temporal, um ser no mundo que, quanto mais se distingue dele, mais dele se apropria, consciente de que o que faz a alienação é exatamente obscurecer essa relação dialética de si para consigo mesmo, para com os outros e com o mundo.

De acordo com Freire (2021), sendo históricos, os homens se deparam com situações-limite. Elas os instigam à transformação. Enquanto os animais são forçados à adaptação, os seres humanos podem transformá-la. Nesse ponto, nasce a possibilidade de um inédito viável. Enquanto para os oprimidos o inédito viável precisa ser concretizado, para os opressores, em nome da manutenção da ordem, ele deve ser evitado. No contexto dos oprimidos, é fundamental para o investigador a questão dos temas geradores, da leitura global da realidade. O caminho é propor aos atingidos uma leitura holística na qual eles compreenderão a interdependência das partes. E isso o investigador não pode fazer sem a participação do oprimido, uma vez que o tema gerador é da ordem do próprio agir e pensar do homem em sua relação com o mundo. Não é um tema abstrato, destacado da realidade. O silêncio ou mutismo diante das situações-limite podem significar a força gigante da opressão.

Para a pedagogia do oprimido, a investigação temática acontece junto com o povo para que se alcance o que é próprio do povo. Nesse percurso, nascem novas compreensões. Desse modo,

a nova percepção e o novo conhecimento, cuja formação já começa nesta etapa da investigação, se prolongam, sistematicamente, na implantação do plano educativo, transformando o 'inédito viável' na 'ação *editanda*', com a superação da consciência real pela consciência máxima possível (Freire, 2021, p. 153).

Recordo-me de que Libanio sempre pedia reações como forma de avaliação de suas disciplinas. A partir dos materiais estudados, o tema era sempre escolhido pelos alunos. Creio que esse método avaliava também essa questão temática segundo a compreensão de cada estudante.

Afirma Paulo Freire (2021) que o fazer humano, diferente do animal, é ação e reflexão. É por isso que a liderança não pode tomar os oprimidos como simples ativistas, executores das ideias do educador. Se isso acontecer, o educador ainda não compreendeu que seu compromisso com a libertação não se dá sem a reflexão dos outros. Se a educação do dominador é conformar as massas com sua visão de mundo, uma educação da libertação é dialógica e não pretende conquistar as massas, mas acompanhá-las em sua leitura do mundo. Nesse caso, o papel da liderança não é fazer pelo povo ou abandonar o povo em seu fazer. Mas se dá em uma profunda



solidariedade a ele. “E esta solidariedade somente nasce no testemunho que a liderança dá a ele, no encontro humilde, amoroso e corajoso com ele” (Freire, 2021, p. 174).

Uma educação que transforma o outro em puro objeto é necrófila. Mata o que de mais precioso habita o ser humano: sua vocação de interpretar o mundo em círculos hermenêuticos. As posições autoritárias, extremistas – sejam elas na política, na sociedade ou na religião – representam os expoentes do que mata a vida, ao invés de alimentá-la. O opressor não pode sobreviver quando já não tem alguém para destinar sua palavra de ordem. O mito maior, que a ele serve, é que as massas são ignorantes e incapazes de pensar a realidade; enquanto, para o libertador, o diálogo é a essência da revolução. Quando ele acontece, a própria revolução já está em curso. Aliás, ela deve evitar se acostumar ao poder para que não se torne contrarrevolução. A conquista das massas é um método antidialógico: “Daí que, na ação da conquista, não seja possível apresentar o mundo como problema, mas, pelo contrário, como algo dado, como algo estático, a que os homens se devem ajustar” (Freire, 2021, p. 187).

Nesse ponto, um dos artifícios das elites para o domínio das massas oprimidas é manter mitos como o de sua generosidade ao doar coisas ou de assegurar que os oprimidos são preguiçosos, e que só não consegue sucesso quem não luta. Outra estratégia é dividir os oprimidos, obstruindo sua organização. A fragmentação das causas é método para torná-las mais fáceis de serem cooptadas. Por isso, a tática é subestimar o problema como se ele fosse uma situação local, ou de pequenos interesses, nunca revelando sua realidade global. É assim que a hegemonia capitalista tem dominado o planeta em nossos dias. E somente a união e organização dos oprimidos pode se contrapor a esse domínio, resistindo numa espécie de contra-hegemonia. Libanio era extremamente crítico às lideranças eclesiais/sociais rígidas, repetidoras de jargões sem aprofundamento. Era avesso a uma teologia que banalizava as questões mais agudas da vida e da fé. Seu estilo convocava os alunos ao pensamento aberto e crítico.

Por fim, relendo Paulo Freire, observo que o processo de libertação pelo qual passa uma liderança revolucionária é complexo. Ela luta com o dominador externo, o dominador introjetado e a desconfiança das massas que se identificam com os mitos criados pela classe dominante. Quando o *status quo* trata o desenvolvimento cultural, geralmente se fala de aspectos que não levam em conta o “quefazer” humano enquanto criatividade de seu ser-no-mundo. A educação libertadora, por sua vez, possibilita o encontro do sujeito consigo mesmo, com sua capacidade de ser mais no encontro com os outros, tendo o mundo como mesa para o diálogo. O verdadeiro desenvolvimento não é o que geralmente buscam as classes dominantes para manterem seu *status quo*, mas o caminho coletivo de ajudar as pessoas a desenvolverem o



melhor de si, sabendo que “não há vida sem morte, como não há morte sem vida, mas há também uma morte em vida. E a morte em vida é exatamente a vida proibida de ser vida” (Freire, 2021, p. 233).

Libanio era um homem que ensinava a pensar com senso crítico. E se alegrava com as conquistas dos estudantes. A partir dos conteúdos apresentados, pedia aos alunos que manifestassem sua compreensão para a alimentação de um ciclo hermenêutico criativo. As temáticas tratadas numa pequena reação, na dissertação de mestrado ou numa tese de doutorado, envolviam tanto o aluno quanto o professor. Com isso, o diálogo acontecia em inusitadas descobertas para ambos. Assim era o educador Libanio: alguém que amava o conhecimento como canal de libertação de possíveis “ser menos” diante de obstáculos culturais ou religiosos. Sua mente aberta ajudava todos a pensarem de forma holística e a reconhecerem as ligações ou antagonismos entre a diversidade de saberes.

Teologia da libertação: endereço do pensar e agir

Após tratar nosso saudoso professor como educador da libertação, gostaria de fazer uma interlocução com algumas questões atuais. Em meu ponto de vista, nosso jesuíta deixou uma obra que continua sendo atual e importante para o futuro. Suas lições são muitas. Talvez já tenha mencionado algumas delas. Espero sintetizá-las, de forma que possamos dar mais visibilidade a elas. Sem pretensão de abordar todas as suas contribuições, destacarei as heranças de sua missão como educador da fé, que permanecem como lições para o futuro da civilização e do cristianismo, talvez porque também eu tenha aproveitado de maneira melhor cada uma das quais farei referência. O fato é que, quanto mais mergulho nesta memória escrita, mais recordo elementos de um legado tão poliédrico.

Libanio foi um intelectual cristão honesto. Tornou-se uma referência no ensino da Teologia feita a partir do contexto latino-americano. Conhecia os principais idiomas de nossa literatura ocidental. Por isso, passeava com fluência pelas obras fundamentais da Tradição Cristã e conhecia muito conteúdo da literatura mundial. Mostrava que, para uma reflexão da realidade mais acurada, é preciso ler e dialogar com as fontes da história. Como bom professor, orientador de teses, insistia na honestidade intelectual. Ensinou muitos a fazerem as citações corretas dos autores nas monografias, dissertações e teses. Mas também incentivou a reflexão crítica, o exercício da interpretação dos textos. Nesse sentido, sua melhor lição foi destacar o papel fundamental da leitura e da hermenêutica, sempre encarnadas na realidade. Para nossos dias, esse seu legado muito contribui no combate às *Fake News*. Diante das informações



suspeitas, era comum ouvi-lo perguntando: qual a fonte? Creio que essa curiosidade crítica é fundamental para vencer os perigosos enganos que geram certa incúria intelectual. No campo da fé cristã, a proliferação de discursos rasos, autoritários, não passaram despercebidos pela crítica de nosso saudoso professor.

Esse foi um ponto importante de seu legado: pensar a Teologia com os pés na realidade. Sobretudo enquanto Teólogo da Libertação, manteve-se crítico a uma fé ingênua, sem discernimento. Amigo da razão, sem desmerecer os sentimentos, ajudou a Igreja no Brasil a interpretar princípios importantes do Concílio Vaticano II e a refletir sobre a fé cristã sempre a partir dos mais pobres e abandonados. Insistia que a evangelização no Continente Latino-Americano era contaminada pelo particular desafio da esquizofrenia entre fé e vida. Nesse sentido, seu pensar a fé, em diálogo com a contemporaneidade, foi profético. “Hoje o mercado transformou-se em instituição total. Estar fora do mercado é estar fora de tudo” (Libanio, 2010, p. 134). Se no passado os pobres ainda tinham esperança de ter uma vida digna, na atualidade, lidamos com milhões de vidas descartadas pelo sistema econômico-financeiro.

Em *Eu creio, nós cremos*, Libanio (2010, p. 440) mostrou a necessidade de continuar dando passos em relação à Teologia da Libertação:

Sem exagerar, pode-se afirmar que o problema central da fé na América Latina para os próximos anos não será uma interpretação teórica da fé em categorias de filosofias europeias, mas sua relação com a práxis libertadora, numa mútua purificação. Fé e práxis libertadoras: eis a tensão fundamental para nosso futuro próximo.

Por isso, fazer memória de Libanio nos leva a pensar alguns pontos que sua vida e obra iluminam a educação da fé em nossos dias. E nos faz pensar nas interlocuções de seu magistério com o que nos tem apresentado o Papa Francisco, sobretudo no que exige da Igreja uma conversão rumo às periferias geográficas e existenciais – *Evangelii Gaudium* –, no que interpela a humanidade a uma conversão ecológica – *Laudato Si'* – e na construção de uma globalização da amizade e fraternidade universal – *Fratelli Tutti*. Tudo isso tem a ver com a educação para uma fé cristã vivida sempre em diálogo com o mundo em cada momento da história.

Como um dos principais pensadores da Teologia da Libertação no Brasil, Libanio construiu seu fazer teológico por meio de métodos próprios de nosso continente latino-americano. Por isso, enfrentou relações esquecidas, como fé e política. “O problema central da fé numa perspectiva de libertação é sua relação com a política, e aí se situa o significado histórico do cristianismo e da Igreja” (Libanio, 2010, p. 441). Papa Francisco, desde a *Evangelii Gaudium* até a *Fratelli Tutti*, tem insistido nesse aspecto da missão da Igreja enquanto profetiza



que denuncia os escândalos da economia neoliberal e anuncia um mundo sustentável e alternativo, de vida para o planeta e para os pobres diante das absurdas injustiças socioambientais. É um contratestemunho a indiferença do cristão. Por isso a Igreja tem que ser “em saída” para as periferias. E o cristão deve se envolver com a melhor política. Querer uma neutralidade política é terminar por apoiar o jogo das ideologias dominantes. Mas será que a educação da fé tem dado conta de contemplar esse elemento essencial?

Libanio (2010, p. 450) nos mostra que,

se a Igreja se subtraísse à tarefa da defesa dos direitos humanos, da liberdade, da libertação do homem oprimido, ela omitiria seu papel fundamental hoje na América Latina. Se aceitasse a tese da ideologia liberal de que seu lugar é refugiar-se no mundo da interioridade, da “sacristia”, ela manteria somente a casca de gestos e palavras cristãs. Pois só há verdadeiro cristianismo e verdadeira Igreja onde há liberdade, justiça, caridade.

Para nossos dias, povoados por discursos, com grande apelo midiático, de uma religiosidade cristã que “demoniza” a política, o compromisso social e o comprometimento com a defesa do meio ambiente, é indispensável resgatar o legado de um teólogo como Libanio, não somente de sua literatura, livros, palestras, vídeos, mas de seu jeito de ensinar a fé. No diálogo profundo com a contemporaneidade, não se pode retornar à “grande disciplina” (Libanio, 1983), risco que ele mesmo constatava. Qualquer traço de colonização social ou religiosa da fé cristã, por parte da Igreja, seria um contratestemunho aos novos rumos esperados para uma civilização do amor.

Considero também que seu ensino era encharcado de poesia e de novos sonhos. Ele mostrava o futuro aberto a ser buscado com insistência. Ser um grande pensador não o afastou do convívio com as pessoas mais simples. Suas homilias eram acessíveis às pessoas da periferia onde ele exercia seu ministério pastoral. Era um homem do sonho do Reinado de Deus: “O solo fecundo da utopia é nossa capacidade de sonhar, imaginar uma situação melhor do que a que nos envolve. E o fundamento último está na nossa própria estrutura antropológica de seres espirituais, feitos pelo Infinito e para o Infinito” (Libanio, 2010, p. 139). Diante de tantas críticas que sofrem a Teologia da Libertação, creio que resgatar a obra de Libanio é uma tarefa fundamental para quem pensa a fé cristã no contexto da América Latina.

Essa perspectiva libertadora de seu pensar a fé, a realidade e nossa civilização o fez um pensador aberto ao futuro. Em seu tratado da fé, *Eu creio, Nós cremos*, na terceira parte, ele nomeia os desafios atuais da fé cristã, o que considero como janela aberta para o futuro. Como afirma o Papa Francisco, atravessamos uma mudança de época. Um dos principais elementos para a travessia é tomar consciência da aguda crise socioambiental e nos implicar em processos



de conversão ecológica. Desde 25 de janeiro de 2019, com a tragédia-crime da Vale, em Brumadinho, rompimento de barragem que matou 272 pessoas e destruiu a bacia hidrográfica do Rio Paraopeba, busco compreender as raízes sistêmicas de tantas feridas humanas e do planeta terra. Pois bem. Relendo a obra de Libanio, recordei um fragmento basilar para os próximos passos: “a comunhão com todo o cosmos, situada na base dessa experiência, se impõe essas três dimensões de tempo. O ser humano procede de gigantesca cosmo-antropogênese. Co-existe em comunhão com este cosmos e está destinado a perpetuar tal comunhão num cosmos glorificado” (Libanio, 2004, p. 400).

Citando Teillard de Chardin, Libanio apontou como o processo evolutivo de bilhões de anos é comandado pelo duplo princípio da complexidade-diferenciação e da auto-organização-consciência. Desde os primeiros momentos e movimentos evolutivos, as partículas mínimas buscam agrupar-se, complexificar-se, diferenciar-se, mas não na dispersão, na segregação, nas singularidades isoladas. A partir disso, Libanio afirmou que “a ecologia integral e espiritual é um chamado a uma forma concreta de conversão na relação com as criaturas, ao retomar o plano inicial criativo de Deus, expresso no processo evolutivo cosmo-antropogenético” (Libanio, 2004, p. 401).

No que se refere às evoluções das civilizações humanas, elas passam pelo cosmocentrismo, pelo teocentrismo e pelo antropocentrismo. Nessa última etapa, a partir de uma visão literal da Bíblia, a espécie humana levou à exaustão o “domínio da terra” (Cfr. Gn 1, 28). A visão antropocêntrica moderna desgastou o planeta e necessita de urgente transformação. É necessário sair do paradigma “do centro” para o da conexão. Nisto, a teologia tem papel importante para ajudar a manter a chama da esperança. Libanio nos deixou um grande legado como teólogo da libertação. Sendo seu magistério principal a educação da fé, teve o grande mérito de reforçar narrativas decoloniais ao propor uma teologia feita desde o chão de nossa gente simples e de nosso planeta ferido.

Considerações finais

“É todo o ser humano que se compromete com as lides intelectuais” (Libanio, 2006, p. 17). Concluo este artigo considerando o pensamento reflexivo. O que vai além do dizer cotidiano, superando o mundo fechado das utilidades. Pensar o que de fato é o pensamento. Não o da mera repetição de ideias, mas o pensar poético que se descortina diante das perguntas mais fundamentais: “Alguém aprenderá a pensar à medida que sonha fazer-se perguntas sobre seu pensamento” (Libanio, 2006, p. 39). Em nossa época, um turbilhão de informações nos



alcança todos os dias, inclusive com notícias falsas de muitas modalidades. Em sua *Introdução à Vida Intelectual*, Libanio apontou a difícil e libertadora tarefa de pensar como vocação primordial do ser humano. E ela se inicia por uma boa pergunta. Por isso, a reflexão abala os jargões que não admitem discussões. Pensar é ir além da repetição de um saber já dado, inclusive daquele que adquirimos ao longo do caminho. “Obstaculiza a capacidade de pensar iniciar fazendo a realidade e os textos falarem o que queremos e não o que eles falam” (Libanio, 2006, p. 44).

A característica mais nobre do ser humano é sua capacidade de ser artista da vida, de sua história. Por não se posicionar como totalmente absorvido pelo mundo já dado, o sujeito pensante problematiza a realidade. Esse processo não é espontâneo. Exige abertura e empenho diante do que se lhe põe no caminho. Palavras como tempo, silêncio, leitura são fundamentais para o exercício do “se dizer” no meio do mundo de coisas que são ditas. Em tempos de muitos conteúdos e pouca dedicação intelectual, o ser humano enfraquece sua vocação crítica diante do mundo dos saberes. E passa a ser, com facilidade, massa de manobra, objeto de fácil captura para um sistema que pensa para todos, com o único interesse de vender suas mercadorias. Não é exagero dizer que, no final das contas, é a própria pessoa que se torna objeto e não sujeito do pensar.

Pode parecer estranho, em tempos de inteligência artificial, ainda se preocupar com uma vida intelectual ativa. Os robôs não estão por todo lado para escrever nossos textos e para guardar as informações? Acomodar-se a uma vida sem confrontar a nós mesmos, a sociedade, a natureza e as religiões, é delegar a responsabilidade “de ser” a terceiros, é cair nas armadilhas das *Fake News*. Afinal, mesmo as sofisticadas informações que os robôs possuem são comandadas por alguma mente humana povoada de interesses e preferências. Eis uma questão ética fundamental: quem conduzirá as máquinas que nos conduzem? Certamente, as conquistas são muitas. No entanto, o amplo desenvolvimento de plataformas inteligentes faz aumentar, ainda mais, nossa responsabilidade de pensar a vida, o futuro. Os dramas ecológicos, por exemplo, não serão superados apenas por aperfeiçoamento técnicos, mas por mudança de cultura. Para isso, há que acontecer a educação de um novo humanismo integrado nesse planeta organicamente vivo. Portanto, pensar é uma tarefa indispensável para nossa transição de época. E João Batista Libanio tem muito a nos dizer com seu legado de um educador da libertação.

Por fim, nossa igreja e a fé cristã atravessam seus impasses contemporâneos. Um dos desafios de nossos tempos é uma educação da fé que não seja vítima dos superficiais influenciadores digitais, desses promotores de uma religiosidade que arrasta multidões, mas



que não alcança a transformação que exige o Reinado de Deus. A profundidade teológica de Libanio nos ensina que, em cada época, o crer exige conhecer. Caso contrário, as pessoas e comunidades se tornam manipuladas por ideias mágicas. O pensar teológico nos lança em um itinerário cristão, e não na promoção de produtos religiosos para um mercado voraz. Isso exige também uma mística da libertação, no sentido de que, sem a experiência do Deus Trino no corpo da história, muitos ídolos podem ocupar o lugar do Deus Vivo e Verdadeiro, revelado por Jesus Cristo.

Referências

BOFF, Leonardo. O legado humano, teológico e espiritual de J. B. Libanio, S.J. **Perspect. Teol.**, Belo Horizonte, v. 46, n. 129, p. 323-328, maio/ago. 2014.

DUSSEL, Henrique. **Ética da libertação**. Na idade da globalização e da exclusão. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

FERREIRA, Vicente de Paula. **Cristianismo não religioso no pensamento de Gianni Vattimo**. Aparecida: Santuário, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

LIBANIO, João Batista. **A volta a grande disciplina**. São Paulo: Loyola, 1983.

LIBANIO, João Batista. **Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos. Tratado da fé**. 2. ed. Belo Horizonte: Loyola, 2004.

LIBANIO, João Batista. **Introdução à vida intelectual**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2006.